

Demanda de psicologia escolar para uma clínica-escola

Renata Sassi

Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA-UCS)

Alice Maggi

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

RESUMO

O estudo objetiva caracterizar e compreender as demandas das instituições escolares ao Serviço de Psicologia Aplicada, incluindo a análise de ações já realizadas e seus respectivos efeitos. Os referenciais teóricos foram da Psicologia Escolar e da Psicanálise. Utilizado o método qualitativo, baseado na análise de conteúdo das 22 entrevistas semidirigidas realizadas com diretores, professores e estagiárias supervisionadas do Curso de Psicologia na Área Escolar. As categorias descritas apontaram para semelhanças e diferenças tanto entre os depoimentos como em direção às possibilidades de trabalho na área. Foram constatadas distorções entre o que a escola entende como função do Psicólogo Escolar e o que, teórica e tecnicamente, se oferece como intervenção possível na comunidade escolar. Este estudo contribuiu para uma avaliação da intervenção em Psicologia Escolar, permitindo a proposição de novas perspectivas que tenham sua origem nos meios acadêmicos da graduação.

Palavras-chave: Psicologia escolar; formação em psicologia; intervenções.

ABSTRACT

Demands of Psychology for a Clinical School

This study aims at characterizing and understanding demands of schools to the Applied Psychology Service, including the analysis of actions already taken and their respective effects. Theoretical reference are School Psychology and Psychoanalysis. It has been used the qualitative method based on the content analysis of 22 semidirected interviews performed with school directors, teachers and supervised trainees of the Psychology Undergraduate Course in the school area. Described categories pointed to similarities and differences both between testimonies and the possibilities of working in the area. Distortions were verified between what the school understands as the function of the school psychologist and what, technically, is offered as a possible intervention in school community. This study has contributed to an assessment of the intervention in School Psychology, allowing to propose new perspectives that have their origin in university undergraduate environment.

Key words: School Psychology; psychology and education; interventions.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é caracterizar as demandas de psicologia escolar, incluindo a revisão do que tem sido feito até agora e articulando, permanentemente, com as ações propostas e os aspectos teóricos envolvidos.

A cada ano, o Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA), do Curso de Psicologia da UCS, recebe um número maior de solicitações de atendimento nas quatro áreas que disponibiliza: clínica, comunitária, escolar e organizacional. Na área de psicologia escolar, além de mais numerosas, as solicitações têm caracterizado-se por serem referentes a intervenções focais.

Tais solicitações ocorrem diretamente ao SEPA ou por meio da Coordenação dos Estágios Supervisionados, ou seja, ao se receber as solicitações, faz-se uma triagem avaliando se a mesma constituir-se-á num campo específico de estágio, ou merecerá uma intervenção, através do SEPA, naquele momento.

O atendimento a tais solicitações, por meio de atividades de estágio dos acadêmicos do curso, tem resultado em experiências importantes tanto para os alunos, para sua formação acadêmica, como para as instituições solicitantes que estabelecem uma parceria com a Universidade de caráter comunitário e filantrópico.

Até a realização deste estudo em forma de projeto de pesquisa, o registro dos atendimentos era realizado semestral ou anualmente, sem obedecer a uma sistematização das informações coletadas no que se refere ao aprofundamento dos relatos. Além disso, os relatórios disponíveis somente incluíam as observações e os entendimentos dos estagiários e da supervisora de estágio. De qualquer modo, havia um volume expressivo de informações que pôde ser aproveitado para este estudo.

Em setembro de 2002, no I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão, em São Paulo, uma das pesquisadoras apresentou o painel “Contribuições e Novas Perspectivas de Intervenção em Psicologia Escolar – SEPA”, trabalho que identificou as intervenções realizadas pelo SEPA na área da Psicologia Escolar, apontando também as estratégias mais frequentes de atendimento, durante os anos de 1998 a 2001. O trabalho, primeiramente, resumiu-se num levantamento de informações que, posteriormente (Sassi, 2007), foi ampliado para produzir conhecimento capaz de trazer melhorias nos serviços prestados pelo setor, dessa forma, superando o modelo tradicional de atender exclusivamente às demandas focais.

No momento da realização deste estudo, havia sido concluído uma planilha com o levantamento das intervenções realizadas por estagiários de psicologia entre os anos de 1994 a 2001, utilizando os registros documentais do Serviço, nos quais se especificava a identificação das instituições escolares, as atividades desenvolvidas, suas frequências e o tempo de duração das mesmas, desse modo, ampliando um pouco o espectro desse conjunto de observações. Os resultados do mapeamento das 85 instituições, preferencialmente públicas, permitiram identificar, através das atividades propostas, os principais motivos que estariam levando as escolas a buscarem um atendimento especializado.

Ressalta-se, na análise das atividades desenvolvidas pelos estagiários, uma variabilidade de ações envolvendo grupos operativos com educadores, estudantes e pais, orientações aos professores, orientação vocacional, consultoria às equipes diretivas, aconselhamentos focais e palestras sobre temas contemporâneos, como limites na educação, sexualidade e drogas. Além disso, têm sido privilegiadas abordagens grupais, otimizando a relação tempo na escola e número de atendimentos, isso porque também há uma demanda que se repete ou se alterna indicando, portanto, a necessidade de intervenções a médio prazo.

Tais demandas exigem do profissional e do acadêmico em psicologia escolar uma formação apropriada que contemple esse novo cenário, integrando os conhecimentos e recentes avanços teóricos e técnicos dessa área do conhecimento àqueles do campo social,

escolar e da psicanálise. Entretanto, o levantamento preliminar não foi suficiente para conhecer a realidade na medida em que se trabalhava exclusivamente com os depoimentos dos estagiários sob supervisão acadêmica, prescindindo-se da fala da Escola, quer seja pelos dirigentes ou professores, razão pela qual se esboçou a metodologia, a seguir, apresentada.

A Psicologia Escolar constituiu-se, no início do século XX, como uma área de conhecimento da Psicologia Aplicada, a qual se propunha a estudar questões de interesse da educação. Somente, na década de 40, tornou-se uma prática profissional, tendo suscitado inúmeras reflexões acerca da identidade dos profissionais que nela atuam, cujas elaborações foram publicadas por Khouri e colaboradores, 1984; Albuquerque, 1986; Patto, 1997a e b, 1990; Bacha, 1998; Novaes, 2003 e Maluf, 2003. Vários trabalhos apontam para a necessidade de monitorar com mais detalhamento as etapas de uma intervenção em Psicologia Escolar, como os de Masini, 1981; Machado, 1997; Pandolfi, 1999; Souza, 2000; Neves e colegas (2002) e Maraschin, Freitas e Carvalho e Souza (2003). Entende-se que, dessa forma, o impacto pode ser melhor avaliado e as correções eventuais também serão propostas a partir de alguns indicadores e parâmetros. Interessante comentar que estudos recentes na área da Psicologia Escolar e da Educação têm indicado para a necessidade de refletir, profundamente, sobre as condições nas quais se propõe uma intervenção em Psicologia, apontando a urgência em contextualizar a ação do psicólogo à realidade educacional e social brasileira (Neves e colegas, 2002). Zanella in Maraschin, Freitas e Carvalho (2003) sugere que o primeiro passo para uma intervenção do psicólogo que precisa responder às queixas escolares é definir um lugar para a escuta e, para isso, é necessário considerar tanto o ensinar quanto o aprender e seus múltiplos agentes, marcados por condições sociais, históricas, econômicas e políticas que os constituem.

É provável que, dessa maneira, se consiga alcançar níveis mais apropriados de qualidade, visto que conhecer as demandas da escola como um todo, da clientela, dos pais e do perfil dos educadores é uma necessidade para uma reflexão orientada a novas possibilidades científicas e profissionais no campo da Psicologia Escolar. A construção do conhecimento surge pelos desafios de situações novas e são justamente essas atuais demandas das escolas que representam grandes questões para as quais se deve buscar recursos originais, explicativos e metodológicos que orientem a ação do Psicólogo Escolar.

As intervenções são geralmente propostas com base nos dados relatados pelas escolas, provenientes das observações ali realizadas, colhidos nas diversas

situações do cotidiano escolar (sala de aula, intervalos, reunião de pais, atividades extraclasse), dados que serão analisados posteriormente. No entanto, são escassos os parâmetros que orientem com agilidade o planejamento do trabalho do psicólogo, incluindo o próprio contexto ao qual a escola está inserida e a história das intervenções anteriores.

A Psicologia Escolar encontra-se em um momento de importantes desafios e de expansão do significado de seu papel frente à demanda da comunidade em que se insere. Hoje, de acordo com Neves e colaboradores (2002), Novaes (2003) e Joly (2000), o trabalho do Psicólogo Escolar ainda não consolidou seu espaço de atuação profissional, existindo a necessidade de redefinição de seu papel nas instituições escolares visando ao exercício de uma prática psicológica integrada com a realidade brasileira mais preventiva e interdisciplinar.

Para que todos esses aspectos possam ser contemplados, é preciso pensar na perspectiva de redimensionar a formação acadêmica dos profissionais de psicologia no que tange às ações socioinstitucionais, incluindo, principalmente, as ações dirigidas ao âmbito escolar projetando-se não somente em instituições formais de ensino desde a Educação Infantil até a Universidade, mas também em diferentes espaços educacionais que visem a promover o desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos. Dois trabalhos recentes podem ser apontados para ilustrar o interesse atual pelo tema. Um deles é o de Pandolfi (1999) que, ao estudarem a inserção do psicólogo escolar na rede municipal de ensino de Londrina, trataram de caracterizar suas ações a fim de levantar subsídios para novas contratações. Outro trabalho é o de Souza (2000), que enfatiza ser a queixa escolar sendo objeto de preocupação e reflexão da prática psicológica, concluindo que é possível desmistificar crenças e valores arraigados na formação universitária. Em ambos os trabalhos, nota-se o interesse não somente pelo foco acadêmico, de formação do psicólogo, como também pela dimensão pragmática da contratação de psicólogos na rede pública.

Conforme a experiência de pesquisadoras (Maggi, Levandowski e Nunes, 1998a e b, Sassi, Pereira e Carraro, 2000 e Sassi, 2002), seria relevante a dedicação à pesquisa que aproxime as questões de investigação psicológica com a dos serviços prestados à comunidade. Tal prática tem sido estimulada e divulgada no meio acadêmico, em âmbito nacional e internacional. Conforme Neves e colaboradores (2002), a área de Psicologia Escolar carece de uma produção teórica consistente e sistematizada que possibilite, tanto aos psicólogos em formação como aos profissionais em exercício, uma apropriação do conhecimento psicoló-

gico e sua re-significação no contexto das práticas escolares.

Em consonância com essa tendência, entende-se, em suma, que, dispondo-se das informações pertinentes, o impacto das intervenções do psicólogo na situação escolar poderá ser melhor avaliado e as correções eventuais também poderão ser melhor propostas, produzindo, assim, conhecimento.

MÉTODO

O método utilizado é o qualitativo, privilegiando-se a análise de conteúdo conforme as especificações de Bardin (1979), no tratamento das 22 entrevistas semidirigidas gravadas e transcritas na íntegra.

Participantes

Foram entrevistadas: – professoras, nas funções de direção e docência, escolhidas aleatoriamente num número correspondente a 15% do total, no mínimo, de cada grupo e – alunas do Curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul, que estivessem em estágio supervisionado na área de Psicologia Escolar. A seguir, fez-se a descrição de cada um dos grupos de entrevistadas.

Direção. Seis professoras exercendo o cargo de direção de escolas estaduais (cinco) e uma de escola particular, com idade média de 47 anos. Quanto à formação, duas entrevistadas são pós-graduadas e quatro possuem curso superior. O tempo de serviço de cada diretora é de aproximadamente 23 anos, sendo que o tempo que atuam na instituição visitada é de, em média, 15 anos. As escolas das quais tais professoras eram diretoras contam com um quadro de vinte e três professores, em média, e atende cerca de 390,25 alunos.

Professoras. Doze professoras de escolas estaduais (onze) e uma em escola particular, com idade média de 35 anos. Quanto à formação profissional, três professoras possuem pós-graduação, seis nível superior, duas nível superior incompleto e uma delas ensino médio – magistério. O tempo de serviço de cada professora é de 11,5 anos, aproximadamente, sendo que o tempo que atuam naquela instituição visitada é de 4,5 anos, em média.

Estagiárias. Sete alunas – estagiárias de Psicologia Escolar (três de módulo I e quatro de módulo II), acadêmicas de Psicologia – UCS – frequentando estágio supervisionado e, portanto, concluído mais da metade das disciplinas obrigatórias para sua formação, estando na etapa profissionalizante do mesmo. Quanto à idade, as participantes variam entre 24 e 38 anos, com idade média de 27,5. Das sete entrevistadas, seis das participantes realizam seus estágios em escolas

estaduais e uma em escola particular que atende clientela de baixa renda, da cidade de Caxias do Sul, sob a supervisão da mesma professora (pesquisadora coordenadora deste projeto). As estagiárias foram entrevistadas pela pesquisadora colaboradora para, dessa forma, controlar as variáveis presentes na entrevista, uma vez que eram abordadas questões específicas do estágio e a pesquisadora orientadora deste projeto era a supervisora de estágio.

Instrumentos

Foram elaborados três roteiros de entrevista semidirigida, correspondentes ao grupo de participantes abordando focos específicos com cada um dos grupos. Por exemplo, em relação à direção: o que levou a Escola solicitar uma intervenção em Psicologia Escolar? Comente sobre seu conhecimento sobre a Psicologia Escolar e suas aplicações. A Escola já teve experiências anteriores a esta? Quais as atividades que foram propostas pela Escola? Quais as atividades que foram propostas pelo Estagiário? Qual a sua avaliação dos resultados obtidos? Em relação ao professor(a), comente seu conhecimento sobre a Psicologia Escolar e suas aplicações. A Escola já teve experiências anteriores a esta? Quais as atividades que foram propostas pela Escola? Quais as atividades que foram propostas pelo estagiário? Qual a sua avaliação dos resultados obtidos? E, finalmente, em relação ao estagiário(a) de Psicologia Escolar, qual a sua motivação na realização do Estágio em Psicologia Escolar? Como foi sua recepção no local? Como você tem articulado sua experiência acadêmica com as atividades desenvolvidas? Quais os referenciais teóricos utilizados até o momento? Como você compreende a Psicologia Escolar como futuro campo profissional?

Procedimentos

As escolas foram selecionadas dentre a listagem daquelas que estivessem solicitando atendimento ao Programa de Intervenção Escolar do SEPA e à Coordenação de Estágios. As vinte e duas entrevistas semidirigidas foram realizadas num procedimento face a face, individualmente, e foram gravadas e transcritas posteriormente; tal processo foi executado após o consentimento do entrevistado.

RESULTADOS

As respostas das questões formuladas nas entrevistas foram lidas exaustivamente e, a partir daí, submetidas à análise de conteúdo com a elaboração de categorias que se remetem e se relacionam às perguntas formuladas para as entrevistadas. Para a proposição das categorias, inicialmente, foram levantadas as unidades de sentido desde as falas das participantes,

sendo que aquelas interpretadas como conteúdo similar foram consideradas como uma única resposta. As respostas que incluíam concepções distintas foram desdobradas em mais de uma, mesmo em se tratando da mesma participante.

As categorias contemplaram as semelhanças e diferenças encontradas na variedade das respostas das participantes. Serão apresentadas em dois blocos considerando os três grupos de entrevistados: Direção/ Professores e Estagiários.

Grupos de direção e professores. Solicitação da Intervenção, Conhecimento sobre a Psicologia Escolar, Experiências Anteriores, Atividades propostas pela Escola, Atividades propostas pela Estagiária, Avaliação.

Grupo de estagiárias. Motivação na realização do estágio, Articulação entre experiência acadêmica com as atividades desenvolvidas e Compreensão da Psicologia Escolar como futuro campo profissional. Encontram-se, nas Tabelas 1 e 2, as categorias correspondentes a cada um dos grupos dos entrevistados com as correspondentes unidades destacadas nas entrevistas. Na continuação, a análise dessas categorias.

Direção e Professores

Solicitação da Intervenção. Os estágios de Psicologia Escolar iniciam, obrigatoriamente, após a solicitação da própria escola, por isso, entendeu-se adequado indagar o que levou a escola a solicitar uma intervenção em psicologia escolar. As participantes – Diretoras – referiram como motivos, principalmente, a problemática com os alunos, ou seja, crianças com dificuldades na aprendizagem, com desvios de conduta, agressividade, desinteresse, excesso de distração, baixa auto-estima, insegurança. Acrescentaram, em seguida, a hipótese de que tais problemas se encontrariam associados a famílias desestruturadas. Os alunos já parecem estar identificados com problemas psicológicos, sendo dessa forma tratados, residindo aí a busca do profissional especializado. Interessante notar o reconhecimento, em algumas das falas, que o próprio professor pouco conhece acerca dessas dificuldades manifestadas pelos alunos. A compreensão das condutas parece distante do processo de ensinar. No pólo oposto, encontra-se uma fala que enaltece a importância do papel do psicólogo na escola, sem precisar o foco de trabalho. Oportuno o convite no sentido de inserção das equipes especializadas, contudo deve ser visto com cautela na medida em que a falta de objetivos também pode gerar algo de nebuloso na prática profissional. Destaca-se a referência na busca de professores especialistas para auxiliar a escola juntamente com o estagiário de Psicologia, ainda iniciante na sua prática.

TABELA 1
 Categorias correspondentes ao grupo dos entrevistados da direção e professores com as correspondentes unidades destacadas nas entrevistas

<i>Categorias</i>	<i>Direção – Unidades de Sentido</i>	<i>Professores – Unidades de Sentido</i>
Solicitação da Intervenção	Problemática com os alunos: dificuldades na aprendizagem, desvios de conduta, agressividade, desinteresse, excesso de distração, baixa auto-estima, insegurança e famílias desestruturadas. Conhecimento limitado acerca das dificuldades manifestadas pelo aluno. Inclusão da Psicologia numa equipe especializada juntamente com outros professores. Destaque para a importância do papel do psicólogo, sem precisar o foco de trabalho.	Problemática com a clientela, envolvendo as famílias, tanto no âmbito da aprendizagem quanto nas contingências socioeconômicas. Apoio aos professores e direção.
Conhecimento sobre a Psicologia Escolar	Conteúdo voltado às crianças com dificuldades de aprendizagem e às famílias. Caráter interdisciplinar da aprendizagem: psicologia/pedagogia. Reconhecimento do pouco conhecimento da área, mas percepção do profissional como agente dinâmico de cooperação no processo de ensino-aprendizagem. Entendimento quanto a buscar uma origem (família ou escola) para compreender a complexa relação da criança com o aprender.	Enfoque nas dificuldades de comportamento, relacionamento e aprendizagem. Concepção dos conhecimentos da Psicologia como integrante no processo dinâmico da escola.
Experiências Anteriores	Avaliações positivas, envolvendo professores, funcionários, alunos e pais.	Associações quanto à presença do estagiário no encaminhamento de graves situações
Atividades propostas pela Escola	Trabalhos com a temática sexualidade na adolescência, orientação aos pais, aconselhamento de alunos e assessoramento aos professores. Assessoria direta com professores e funcionários, encaminhamento de casos individuais de alunos e/ou pais e famílias.	Atendimento e assessoramento aos alunos e famílias. Trabalhar com a temática da sexualidade.
Atividades propostas pela Estagiária	Orientação e aconselhamento. Trabalhos em grupo, a professores, alunos e familiares: líderes de turma, classe especial, reuniões de conselho escolar, clube de mães e reuniões de pais.	Atividades que tentam superar o modelo reconhecidamente clínico, como grupo com professores. Atendimento a alunos com adaptações escolares, tanto de aprendizagem como de conduta.
Avaliação	Avaliação positiva, exemplificando a aceitação pelos alunos e famílias comparecerem na escola pela solicitação da estagiária. Referência a melhora na relação afetiva educando/educador, para além das problemáticas individuais de cada aluno e/ou sua família.	Avaliação positiva, enfatizando a competência, a disponibilidade e presença na escola.

TABELA 2
 Categorias correspondentes ao grupo dos entrevistados das estagiárias com as correspondentes unidades destacadas nas entrevistas

<i>Categorias</i>	<i>Estagiárias – Unidades de Sentido</i>
Motivação na realização do estágio	Impressões positivas, tanto pela abrangência como pelo interesse despertado nas disciplinas afins durante a Graduação. Possibilidades de trabalho envolvendo pais, professores e a própria clientela. Destaque aos aspectos positivos, mesmo reconhecendo eventuais dificuldades, como resistências iniciais ao trabalho.
Articulação entre experiência acadêmica com as atividades desenvolvidas	Referências aos autores correspondentes aos estudos e Psicologia Escolar, lembrando aspectos institucionais e relação professor-aluno. Reconhecimento da articulação, mas o discurso não ultrapassa posicionamentos como relevância da escuta, ou seja, nem sempre as verbalizações parecem claramente corresponder a um estágio de Psicologia Escolar.
Compreensão da Psicologia Escolar como futuro campo profissional	Clareza da dificuldade quanto à inserção, seja por contratações, concurso ou outras formas de trabalho. Referência a um tipo de mudança futura.

As participantes – professoras, no que se refere a essa categoria, também, enfatizaram a problemática com a clientela, envolvendo as famílias, detalhando dificuldades das mais variadas tanto no âmbito da aprendizagem como contingências sócioeconômicas. Referiram, igualmente, o apoio necessário aos professores e direção.

Conhecimento sobre a Psicologia Escolar

Identificaram-se, nos discursos das Diretoras, as falas que confirmam o item anterior, ou seja, a Psicologia Escolar mais voltada para as crianças com dificuldades de aprendizagem, estreitando a proximidade com crianças até a quinta série, em que a problemática seria mais evidente e freqüente. Na continuidade, encontra-se, também, presente o papel da Psicologia Escolar junto às famílias dessas mesmas crianças com problemas no desempenho escolar. Para além da clientela destacam-se respostas aludindo ao caráter interdisciplinar da aprendizagem, integrando a psicologia e a pedagogia pela via da subjetividade. Nesse aspecto, parece haver um espaço para a própria dificuldade no processo de aprender, representando um pouco mais de flexibilidade do que foi tomado na questão anteriormente comentada.

Sobre o conhecimento prévio da Psicologia Escolar, a maior parte das participantes – Professoras – focalizou igualmente nas dificuldades de comportamento, relacionamento e também de aprendizagem. Ou seja, aquele que poderia responder às causas dos fracassos dos alunos no que tange ao aprender e ao se relacionar. Nesse sentido, foram observadas variações quanto ao papel da Psicologia. Mesmo sem haver uma distinção entre o profissional e o estagiário, algumas professoras os vêem como colaboradores no processo integral da escola e isso parece ser muito relevante. Há uma alusão ao caráter descontinuado do trabalho em função da natureza do estágio e, também, uma diferenciação entre o que seria a Psicologia que acompanha a comunidade escolar e aquela que se reduz a uma visita e/ou uma palestra.

Experiências anteriores

Das seis entrevistadas, mais da metade delas afirmou já ter havido experiências avaliadas como muito positivas envolvendo professores, funcionários, alunos e pais. As demais, portanto, não puderam responder a essa questão, pois a experiência com o estagiário em Psicologia dava-se pela primeira vez.

No que diz respeito às Professoras, experiências anteriores foram relatadas muito mais identificadas com graves situações de comportamento dos alunos. Uma vez mais preocupando a situação já quase terapêutica da psicologia com as crianças problemáticas e

suas famílias, sendo mínimo o planejamento de trabalho.

Atividades propostas pela Escola

No que se refere às atividades que foram propostas pela escola, há uma variedade de situações, destacando-se, inicialmente, aquelas em que a própria estagiária esboçou um plano e foi aceito, envolvendo trabalhar com a sexualidade na adolescência, orientação aos pais, aconselhamento aos alunos e o assessoramento aos professores. Nesses casos, o papel da estagiária traduziu-se em atividades que vinham ao encontro do que a escola identificava como problemático. Em outras palavras, estabelecer ao estagiário a função obrigatória de diagnosticar o seu local e, só a partir daí, elaborar um plano de trabalho ao contrário de já se apresentar com uma rotina estabelecida.

Ainda nesse aspecto, foram identificadas outras abordagens envolvendo assessoria direta com os professores e funcionários, encaminhamento de casos individuais de alunos e/ou de pais e famílias, que necessitariam de um acompanhamento maior que os próprios professores ou a direção solicitam. Fundamental assinalar aqui o trabalho propriamente do encaminhamento como processo de ajuda no sofrimento psíquico identificado, e não somente num sentido estrito e documental.

Desde a perspectiva dos depoimentos das Professoras, geralmente, a escola propunha atendimento aos alunos e famílias, assessoramento, entre outras atividades, buscando compatibilizar com o que a aluna pensava em realizar. A temática da sexualidade também aqui é incluída como algo difícil de lidar no ambiente escolar.

Atividades propostas pela Estagiária

Procurou-se conhecer até que ponto a Direção se interou das técnicas aplicadas, o que representaria a genuína integração do trabalho. Como foi comentado anteriormente, para alguns não havia parâmetros, pois inaugurava-se ali a experiência de intervenção em Psicologia Escolar com um estagiário. Para aqueles que já conheciam algo das práticas do psicólogo na escola, confirmaram de que os estagiários desempenhavam as atividades previstas conforme as expectativas dos colegas em períodos anteriores.

Foram mencionadas também atividades de orientação e aconselhamento como integrantes da prática do estagiário. Destaque para a descrição das possibilidades de trabalhos em grupo, o que confirma a orientação acadêmica teórica em que esses mesmos estagiários são permanentemente convidados a praticarem. Tanto em relação aos professores como aos alunos e familiares, houve exemplificações de situações de tra-

balhos de grupo bem específicas, como líderes de turma, classe especial, reuniões de conselho escolar, clube de mães e reuniões de pais, denotando o grau de participação estágio/escola. Frente à consideração do estagiário em formação, destacou-se, nesse ponto da entrevista, referência a certa concordância entre o que a escola necessita e o que o próprio estagiário deseja realizar. Tal ponto merece destaque como uma delicada situação de atender a esse aspecto tão subjetivo. Preocupante pensar quando isso não acontece, em outras palavras, e se ao estagiário é solicitado algo com o qual não se identifica.

As Professoras, por sua vez, relataram que da parte das estagiárias foram propostas atividades que tentavam superar o modelo reconhecidamente clínico, ou seja, grupos com professores, refletindo as questões mais problemáticas. Mesmo assim, predominaram as atividades, segundo o depoimento das professoras, que respondam às queixas, isto é, atendimento a alunos com dificuldades escolares, quer sejam elas de aprendizagem e/ou de conduta.

Avaliação

A Direção e Professores parecem comprovar positivamente as intervenções dos estagiários, exemplificando a aceitação com o fato dos alunos e famílias comparecerem sempre que solicitados pela estagiária. Sabe-se que esse não seria o único indicador, mas deve ser considerado. Outro ponto interessante a comentar é a referência de que houve melhora na relação afetiva educando/educador, para além das problemáticas individuais de cada aluno e/ou sua família. Finalmente, foi enfatizada não somente a competência das estagiárias, mas a disponibilidade e sua presença na escola como fatores altamente positivos para o cotidiano da comunidade escolar. Das limitações do trabalho, também se deve mencionar a referência às eventuais dificuldades surgidas dando conta da própria característica do estagiário encaminhado para a escola em questão. Compreende-se que, nem sempre, haverá uma reciprocidade do trabalho proposto e do grupo interessado.

Estagiárias

Motivação na realização do estágio

As estagiárias referiram, na sua maioria, impressões positivas, justificando tais posições sob distintos pontos de vista, seja pela abrangência que o mesmo significa, seja pelo próprio interesse despertado nas disciplinas afins durante a graduação. Destaca-se o detalhamento que algumas respostas incluíram no que diz respeito às possibilidades de trabalho, envolvendo pais, professores e a própria clientela. Mesmo tendo

sido destacados aspectos muito positivos frente ao estágio, tal descrição não excluiu o reconhecimento de eventuais dificuldades como resistências iniciais ao trabalho. Importante comentar, também, nas falas das Estagiárias de Psicologia, que, por um lado, indicaram a surpresa de ter sido o estágio escolar uma experiência relevante e, por outro, o caráter familiar de estagiar em uma escola, numa clara alusão ao fato de terem sido alunas em momento não muito distante em sua história de vida. Deve-se considerar o fato delas, atualmente, também alunas de nível superior, situarem-se muito mais num plano profissional do que ainda estudantes. Tem-se a dimensão favorável do momento do início do estágio, identificando tanto a receptividade dos alunos como dos professores. Em relação a esses últimos, relataram que para alguns deles foi necessário um trabalho de esclarecimento, sugerindo temores no que se refere ao trabalho do estagiário de Psicologia no ambiente escolar. Esse fato chama a atenção na medida em que as direções de escolas, reiteradamente, têm solicitado a presença do estagiário em vários turnos em suas escolas. Reflete, portanto, que a clareza do papel via direção, não obrigatoriamente, representa a totalidade dos professores.

Articulação entre experiência acadêmica com as atividades desenvolvidas

Das sete entrevistadas, apenas duas delas nomearam autores correspondentes aos estudos de Psicologia Escolar, lembrando aspectos institucionais e também sobre a relação professor-aluno. Muito embora a todas seja evidente a possibilidade de integração entre teoria e prática, parece que, num primeiro momento, realmente, as demandas de trabalho desestruturaram o que já havia sido estudado nas disciplinas. Apesar disso, focalizam de maneira mais pontual os aportes teóricos e daí, realmente, elencaram uma lista de autores estudados, destacando-se tanto os autores vinculados aos aspectos teóricos da aprendizagem e da psicopedagogia como também os que ressaltam os psicodinamismos nos processos grupais. Nesse particular, fazem-se presentes as possibilidades interdisciplinares ao longo da formação, visto que os estagiários mencionaram um aproveitamento satisfatório de disciplinas realizadas em outros cursos, como no de Pedagogia.

Compreensão da Psicologia Escolar como futuro campo profissional

No que se refere à área escolar como prática profissional, identificou-se, na maioria das participantes, uma clareza da dificuldade quanto à prática inserção, seja por contratações, concursos ou outras formas de trabalho. Independente disso, todas insistiram em algum tipo de mudança futura.

Salienta-se que se encontrou como resultados entre o grupo de estagiários uma fragmentação entre os modelos teóricos e a prática.

DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho atendeu ao que foi proposto, caracterizando algumas das demandas das instituições escolares, do município de Caxias do Sul, ao Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade de Caxias do Sul, promovendo a integração da Universidade à comunidade. O estudo contribuiu por elucidar como está sendo proposta a Psicologia Escolar tanto na formação como na prática.

O fato de se ter encontrado semelhanças e diferenças entre os depoimentos permite refletir sobre outros procedimentos a serem adotados a partir deste estudo. Ou seja, muito embora, por vezes, todas as formalidades quanto aos encaminhamentos de estágios sejam realizadas, foram constatadas algumas distorções quanto às possibilidades de trabalho na Psicologia Escolar. As avaliações positivas, na sua maioria, confirmam o que se esperava, mas também trazem um impasse no sentido de se definir pela continuidade ou não de estágios curriculares em uma determinada escola.

Teoricamente, poderia se pensar numa alternância de locais tendo em vista atender ao maior número de escolas, determinando períodos para cada escola. A escassez de recursos em mensurar esse ponto de retomada ou interrupção dificulta uma tomada de decisão, razão pela qual, mais uma vez, enfatiza-se a necessidade de se dedicar um tempo maior para a análise de cada solicitação e, ao final do trabalho, uma avaliação do que poderia ser ou não desenvolvido na continuidade. Além disso, como se sabe, há um fluxo de pessoal nas próprias escolas que determina, por exemplo, que a chegada da estagiária coincida com alguma mudança na equipe diretiva que originalmente acompanhava os estágios.

Os dados apontam que a Psicologia Escolar encontra-se em um momento de expansão dos significados referentes ao seu papel, em que o trabalho do profissional assume dimensões preventiva, promocional, subjetiva e contextual conforme recomendam os estudos de Pérez-Nebra e colegas (2001), num trabalho que caracterizou determinada zona geográfica brasileira. Ou seja, superando o modelo tradicional interventivo, patologizante e individual, outras alternativas de trabalho têm se imposto ao contexto estudado. Há que se enfatizar, também, que o serviço de psicologia disponibilizado à comunidade insere-se na questão da Formação em Psicologia, na medida em que é estágio curricular e obrigatório. Assim, entendendo que se ali-

nha, portanto, com as considerações de Feitosa (1999) quando alerta que o Serviço de Psicologia deve contemplar, ao mesmo tempo, os requisitos para a formação do psicólogo e as necessidades de atendimento psicológico da própria comunidade envolvida. A autora, ao discutir as novas diretrizes curriculares para implantação dos cursos de psicologia, enfatiza que os serviços de psicologia no formato das clínicas-escola não devem se prender, exclusivamente, na medida do estágio supervisionado, mas sim no que corresponde àquela comunidade.

Caso se pense na escola como agente de saúde, é fundamental que o tempo vivenciado seja de qualidade para o aluno, não só no acúmulo das aprendizagens acadêmicas, mas mais que isso na formação pessoal. Ou, conforme propõe Joly (2000), pensar a Psicologia Escolar para além das instituições formais de ensino, mas em diferentes espaços educacionais privilegiando as próprias Universidades, entidades de classe e associações formadoras de profissionais, como propulsores da circulação da cultura. Sendo assim, entende-se que avaliar as repercussões dos trabalhos, por vezes, realizados de forma sistemática em algumas escolas, torna-se tarefa fundamental atendendo a ambos os grupos interessados e envolvidos.

Estudos posteriores poderiam incluir também o papel dos pais como agentes das intervenções da Psicologia no contexto escolar. Em termos de mercado de trabalho, enfatiza-se a tomada de conhecimento por parte da esfera pública deste tipo de mapeamento que conduza a uma inserção mais numerosa do profissional de Psicologia Escolar.

Da Psicologia Escolar, de acordo com os depoimentos das diretoras, que são, justamente, as que desencadeiam o processo referente ao estágio em Psicologia Escolar, nesse momento, observa-se pouco conhecimento da área relacionada como agente dinâmico de cooperação no processo de ensinar e aprender. Dinâmico porque inclui a reformulação da própria visão da Psicologia em relação ao contexto escolar, alterando e alternando o foco da origem das dificuldades de aprendizagem, anteriormente, mais voltada a responsabilizar a escola e, atualmente, considerando o papel fundamental da família e da construção das relações afetivas.

Tal postura, por parte da direção, revela-se importante porque representa a liderança de um grupo. Deixa apenas de considerar a sensibilidade do professor e sua capacidade autodidática de estudar na bibliografia disponível, mas oferece um espaço de reflexão com uma área mais definida. Por sua vez, esse tipo de entendimento também provoca uma certa inquietação na medida em que segue buscando uma única origem (escola ou família) para compreender a complexa relação

da criança com o aprender. Esta múltipla causalidade dos fenômenos não deve ser polarizada, mas, sim, compreendida à luz da interdisciplinariedade, questão que será posteriormente discutida.

Deve-se comentar aqui também que a demanda, efetivamente, é pelo profissional de Psicologia. A presença do estagiário nem sempre é compreendida como um estudante em formação, sendo fundamental questionar até que ponto é capaz de oferecer o que lhe é solicitado. Levanta-se a hipótese da dificuldade do estagiário em se afastar da posição de aluno, obstaculizando o seu fazer como Psicólogo em Formação. Caldas e Hübner (2002) reconhecem uma reação de desencantamento com o aprender na escola, ao comparar professores e alunos ao longo da trajetória escolar. Em ambos os grupos, parece haver um decréscimo no envolvimento do aprender na escola à medida que aumenta gradualmente as séries escolares. Ora esse estagiário também é um aluno da Universidade e pode ser incluído nessa constatação, no sentido do pouco investimento no seu próprio aprender na escola, agora, em nível superior, confundindo papéis e funções.

Entretanto, a escassez de recursos especializados faz com que isso nem mesmo seja considerado. Em outras palavras, a escola nem pode supor solicitar a consultoria com profissional experiente. Considera-se oportuno para os próximos estudos analisar se isso procede com a presença do profissional da Psicologia na escola. O posicionamento das diretoras, contudo, não deve ser analisado isoladamente, até porque é possível pensar que as tarefas relativas à Psicologia Escolar podem se apresentar, realmente, pouco diferenciadas da psicologia como um todo, razão pela qual se mesclariam tantos aspectos da clínica no contexto escolar.

O fato das estagiárias de Psicologia revelarem poucas especificidades ao articularem o teórico e a prática ilustra essa situação. Ou seja, elas reconheceram a articulação, todavia o discurso não ultrapassava posicionamentos como relevância da escuta, enfim, nem sempre, as verbalizações claramente correspondiam a um estágio de psicologia escolar em particular. Os argumentos por elas apresentados poderiam ser inseridos em qualquer outra área de estágio profissionalizante, podendo-se pensar tal situação não somente pela possível influência dos conteúdos estudados em algumas disciplinas, como também pelo próprio núcleo comum da formação em Psicologia neste contexto.

A quem se responsabiliza pela formação uma reflexão relevante na direção de evitar posições que estipulem que área detém qual saber quando se apresenta a área da Psicologia. Maluf (2003) alerta para que os novos psicólogos desenvolvam práticas visando

uma maior adequação à realidade social brasileira. Em lugar de posições rígidas e convencionais, compreender as verdades como provisórias iluminando a reflexão e a ação cotidianas e do conhecimento científico. Aos envolvidos com a formação em Psicologia, fica destacada a preocupação em minimizar esses fatores tão subjetivos que, por vezes, podem comprometer todo um plano de trabalho.

Tal constatação encontra apoio no estudo de Neves e colegas (2002), que aprofundaram a questão da formação e atuação em Psicologia Escolar, revisando 102 trabalhos publicados nos congressos nacionais da área, contemplando 7 anos no total. Tal pesquisa indicou diversidade na produção de conhecimentos na área de Psicologia Escolar, preferencialmente se dedicando tanto no âmbito dos estágios como das práticas profissionais, muito mais à prevenção do que a terapêutica. Relacionando tal conclusão com os dados desse estudo, destaca-se que tal orientação não inclui, obrigatoriamente, que desapareçam as questões específicas de alunos, por exemplo. Trata-se de priorizar, do ponto de vista do planejamento de tarefas, os aspectos envolvendo comunidade escolar e professores e não exclusivamente o atendimento de dificuldades isoladas e individuais.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, T. L. (1986). *Psicologia e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bacha, M. N. (1998). *Psicanálise e educação: laços refeitos*. Campo Grande: UFMS/São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Caldas, R. F. L., & Hübner, M. M. C. (2002). O Desencantamento com o Aprender na Escola: o que dizem professores e alunos. *Psicologia: teoria e prática*, 4, 1, 49-60.
- Feitosa, M.A. G. (1999). Desafios para a implantação dos novos currículos de psicologia à luz das diretrizes curriculares. *Temas em Psicologia da SBP*, 7, 3, 235-243.
- Joly, M. C. R. A. (2000). A formação do Psicólogo Escolar e a educação no Terceiro Milênio. *Psicologia Escolar e Educacional*, 4, 2, 51-55.
- Khouri, Y. e colaboradores (1984). Psicologia Escolar. In C. Rappaport. *Temas básicos de psicologia* (Vol. I). São Paulo: EPU.
- Machado, A. M., Souza, M. P. R. (Org.). (1997). *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maggi, A., Levandowski, D. C. & Nunes, M. L. T. (1998a). Intervenção Psicológica: a relevância da sondagem preliminar [Resumo]. In C. S. Hutz (Org.). *II Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento*. Anais (p. 42). Gramado, RS.
- Maggi, A., Levandowski, D. C., & Nunes, M. L. T. (1998b). Psychological Intervention: the relevance of preliminary investigation [Abstract]. In International Society for the Study of Behavioural Development (Org.). XV Biennial ISSBD Meetings, Abstracts (p. 165). Berne.
- Maluf, M. R. (2003). Psicologia Escolar: novos olhares e o desafio das práticas. In S. F. C. de Almeida (Org.). *Psicologia Es-*

- colar: ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Editora Alínea.
- Maraschin, C., Freitas, L. B. L., & Carvalho, D. C. (Org.). (2003). *Psicologia & Educação: multiversos sentidos, olhares e experiências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Masini, S. E. (1981). *Ação da psicologia na escola*. São Paulo: Moraes.
- Neves, M. M. B. J., Almeida, S. F. C., Chaperman, M. C. L., & Batista, B. de P. (2002). Formação e atuação em psicologia escolar: Análise das Modalidades de Comunicações nos Congressos Nacionais de Psicologia Escolar e Educacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22 (2), 2-11. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Novaes, M. H. (2003). Repensando a formação e o exercício do profissional do psicólogo Escolar na sociedade pós-moderna. In S. F. C. de Almeida (Org.). *Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Editora Alínea.
- Pandolfi, C. C. (Org.) e col. (1999). A inserção do Psicólogo Escolar na Rede Municipal de Ensino de Londrina. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19, 20, 30-41.
- Patto, M. H. S. (1997a). *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: Quatro.
- Patto, M. H. S. (1997b). *Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patto, M. H. S. (1990). *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: Quatro.
- Pérez-Nebra, A. R., Guedes, L. E., Prado, J. A., Cavalcanti, L. A. e Almeida, S. F. C. (2001). Formação e atuação dos psicólogos escolares do Distrito Federal: um estudo introdutório [Resumo]. In Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.). *Resumos de Comunicações Científicas, XXXI Reunião Anual de Psicologia*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Sassi, R., Pereira, S. & Carraro, L. F. (2000). A Psicologia Escolar no Curso de Psicologia da UCS: uma concepção que prioriza as intervenções em conjunto [Resumo]. *Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*. Itajaí, SC. p. 94.
- Sassi, R. Contribuições e novas perspectivas de intervenção em Psicologia Escolar – SEPA [Resumo]. *1º Congresso Brasileiro de Psicologia Ciência e Profissão*. São Paulo, 2002. Disponível em: www.crsp.org.br/congresso. Acesso em: 02 de setembro de 2002.
- Souza, M.P.R. de (2000). A queixa escolar na formação do psicólogo: desafios e perspectivas. In E. R. Tamamachi, M. L. Rocha, & M. Proença (Org.). *Psicologia e educação: desafios teórico-práticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zanella, A. V. (2003). Psicólogo na escola e as “dificuldades de aprendizagem”: algumas estratégias e muitas histórias. In C. Maraschin, L. B. L. Freitas, & D. C. Carvalho (Org.). *Psicologia & Educação: multiversos sentidos, olhares e experiências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Recebido em: 28/12/2004. Aceito em: 19/10/2006.

Agradecimentos:

Nossos agradecimentos a todos os que colaboraram neste estudo:

- às Estagiárias de Psicologia Escolar ao realizarem as entrevistas com as Diretoras e Professoras e também quando foram entrevistadas;
- às Professoras e Diretoras que aceitaram participar das entrevistas; e
- à Acadêmica de Psicologia Greice Graff, que participou da organização dos dados coletados.

Autoras:

Renata Sassi – Psicóloga. Mestre em Psicologia. Coordenadora do Serviço de Psicologia Aplicada – SEPA.

Alice Maggi – Psicóloga. Doutora em Psicologia. Docente e Pesquisadora do DEPS. Coordenadora dos Estágios Supervisionados – Departamento de Psicologia – UCS.

Endereço para correspondência:

ALICE MAGGI
Departamento de Psicologia, Universidade de Caxias do Sul – UCS
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130
CEP 95070-560, Caxias do Sul, RS, Brasil
E-mail: amaggi@terra.com.br